

Um sample dramatúrgico

Crítica de *Slam Blues*

Por Annelise Schwarcz

“O dever de um artista é refletir os tempos”.

Nina Simone

“A terra é circular; o sol é um disco.

Onde está a dialética?

No mar.

[...]

Eu sou atlântica. Agora descobri uma bela referência.

Uns foram por esse oceano

Outros vieram por ele

E eu estou aqui, fui e vim por ele.

Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação em uma história fragmentada”.

Beatriz Nascimento

Uma voz nos convida a dar um mergulho no fundo azul do oceano. Naufrágios, histórias esquecidas, documentos desmanchados, corações partidos, tudo *blue*. A voz emerge. Retorna com um baú de tesouros.

Slam Blues é um espetáculo nascido em 2014. Idealizado por Roberta Estrela D’Alva, o projeto inicialmente contava apenas com a performance *Take 1* (disponível no youtube), na qual a atriz-MC retoma as raízes românticas do blues e declama palavras sobre amor, paixão e músicas desperdiçadas em romances ruins no formato *spoken word* acompanhada por uma gaita e violões. Desde então, Roberta tem adicionado a essa performance poemas autorais, cover de músicas, contação de histórias e leitura de livros, fazendo com que *Slam Blues*, no formato apresentado na 10ª edição do Festival Midrash, seja como uma janela para o mundo de referências de Roberta. Mergulhamos em sua subjetividade e ganhamos acesso à sua bagagem cultural, seu posicionamento político e seus textos.

A figura do ator-MC é desenvolvida por Roberta em seu livro “Teatro hip-hop” (2014), sendo descrita como um “cidadão de seu tempo e simultaneamente intérprete de uma personagem, faz a mediação entre o público e a ‘força política’ que ela representa [...]”. Cria-se um efeito de estranhamento radical que não deixa margem a qualquer efeito enganoso ou de identificação inebriante que possa ter a representação” (Estrela D’Alva, 2014, p. 83). Inspirada pelo teatro brechtiano e pela performance de artistas do rap e do hip hop, a figura do ator-MC – idealizada e aqui encarnada por Roberta – possui um papel pedagógico. Toda referência apresentada é, em seguida, virada do avesso e/ou colocada em relação com algum outro elemento que nos convida a estranhar a primeira referência, por mais familiar

que ela nos seja. Tal posicionamento reflexivo, mixado com a performance da MC, resulta em uma atuação que cria um vínculo com a plateia, estabelecendo uma espécie de consciência coletiva, sem deixar de provocar um exercício crítico de investigação dos limites dessa consciência.

Roberta Estrela D'Alva se nutre do universo afrodiaspórico para a montagem de seu espetáculo. O foco, no entanto, é menos na relação entre Brasil e África, e mais numa absorção e construção de relações com referências negras estadunidenses como, por exemplo, o romance *A cor púrpura* (1982) de Alice Walker, a trilha sonora de Quincy Jones feita para o filme homônimo baseado no livro de Walker (1985), o grupo de hip hop Public Enemy, cantoras como Elizabeth Cotton e Nina Simone, o rap, o hip hop e, principalmente, o blues que dá o tom do violão tocado pelos músicos ao longo do show. Na composição de Estrela D'Alva, Elizabeth Cotton canta sobre Luísa Mahin; Dominginhos toca Blues; *Trouble in mind* – canção eternizada na voz de Nina Simone – é dedicada à Anastácia; e o slogan “Fight the power”, cantado pela banda Public Enemy ressoa na figura de Luiz Gama.

Quero trazer aqui um momento da peça como exemplo: Roberta circula pela plateia em busca de um solteiro e diverte o público nesse exercício. Em seguida, mantendo a base do *blues*, performa a canção “eu só quero um xodó”, forró de Dominginhos. O que muito de nós ali não sabíamos é que essa música foi escrita em parceria com Anastácia, sua então companheira. Assim como essa, houve muitas outras músicas compostas em parceria, mas somente Dominginhos levava a fama por elas. Através desse dispositivo, somos convidados a estranhar – ouvir como se fosse a primeira vez – aquela música que nos parecia tão conhecida.

Slam Blues é, portanto, um exercício de curadoria, de crítica, de performance e atuação. São samples-dramatúrgicos. Os músicos dão a base para que Roberta rime, cante e apresente suas referências em cima dos acordes de *blues*. Por meio de um exercício de recorte e colagem – ou melhor, de *sample* – todos os elementos se atravessam, se interconectam e se sobrepõem, sendo primeiramente apresentados e, em um segundo momento, revirados do avesso à medida em que vão sendo confrontados pela leitura crítica que a própria Roberta imprime sobre eles.

O termo “*slam*” que batiza o espetáculo se refere a uma modalidade de competição de poesia idealizada por Marc Smith na Chicago de 1980 e importada pela própria Roberta para o Brasil em 2008 através do ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra). Smith era um construtor civil e acreditava que a poesia havia sido usurpada do povo pelas elites culturais e intelectuais. Era preciso devolver a poesia às ruas e ao povo. Dessa forma, o *slam* – expressão que pode ser traduzida como “pancada” ou “batida” –, surge como forma de reencantar a poesia e devolver a ela sua energia revolucionária, popular e marginal. Assim como nos Estados Unidos, o *slam* no Brasil também encontra sua expressão e força através das gentes periféricas e grupos minoritários (jovens poetas e/ou negras e/ou mulheres e/ou LGBTQIA+). As batalhas de *slam* ocorrem nas ruas e são construídas de forma gratuita e coletiva.

A 10ª edição do festival Midrash tem como tema “Teatro e literatura”. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância de a curadoria ter reconhecido aquilo que as ruas já sabem: *slam* é literatura. Conceição Evaristo costuma dizer que não nasceu rodeada de

livros, mas que nasceu rodeada de palavras. Com essa frase, é possível entender de que forma a oralidade se torna a ferramenta – e também a arma – da/o poeta periférica/o. Assim como é a oralidade que marca a transmissão de histórias, saberes e religiões de África para as Américas, é a oralidade que vai garantir a potência da poesia falada. O *slam* surge como um espaço de resistência, formação e transmissão de saberes. Ao passo que nem todos possuem acesso a livros de poesia (ou qualquer outro gênero literário), ou possuem instruções para lê-los, a poesia *slam* assume seu compromisso com a democratização da palavra e, por meio dessa fala, as/os *slammers* oferecem o retrato de suas respectivas realidades.

Não necessariamente as poesias de *slam* devem ser de revolta ou protesto, podendo abranger qualquer tema que a imaginação da/do *slammer* puder alcançar. No entanto, apesar do tema do poema ser livre, existem algumas proibições nas batalhas como, por exemplo, no que se refere ao uso de figurino que se relacione com o poema falado e há também uma restrição quanto ao uso de instrumentos musicais. Me pergunto se *Slam Blues* não seria fruto justamente do desejo de transgredir os limites impostos pelas batalhas, e experimentar o resultado de compor com tudo aquilo que a princípio deveria ser deixado de fora do *slam*: a música, a luz e o figurino.

Para a abertura do Midrash, Roberta se apresentou ao lado dos músicos Daniel Oliva (guitarra e violão) e Pipo Pegoraro (violão e baixo) em um cenário que me remetia menos ao formato de apresentação de shows de hip hop, e mais a esses bares com apresentações no formato “voz e violão”: uma cadeira alta ao centro, ao lado do pedestal para o microfone e uma mesa; sobre a mesa, era possível ver um copo de água, um jarro de flores e dois livros empilhados; e nas laterais do palco, as cadeiras e os instrumentos que iriam ser tocados pelos músicos. A apresentação explora os limites entre aquilo que entendemos por sarau, show, *slam* e teatro, sendo impossível dar um contorno específico para o que estamos assistindo.

Roberta afirma que “toca tudo que é afrodiaspórico”. E tudo que é afrodiaspórico me toca. Onde está a dialética? No *blues*. Surgido no final do século XIX no sul dos Estados Unidos entre comunidades afroamericanas, o *blues* tem raízes nas canções de trabalho e nas tradições orais das/os escravizadas/os. Mais do que somente um gênero musical, o *blues* era um meio de expressar dor, perda, solidão e a labuta cotidiana. Em inglês, *blues* pode ser traduzido como tristeza. Ainda que haja *blues* que exploram paisagens mais solares e emoções mais vibrantes, o estilo da gaita, as notas do violão e do baixo não deixam de nos remeter a essa melancolia, a essa aridez das paisagens do sul dos Estados Unidos.

Em um momento do show, Roberta lê uma passagem do livro “A cor púrpura”, na qual é descrita uma cena de estupro. A descrição é crua e me atravessou como lâmina. A passagem termina com um amor entre mulheres sendo selado e seguido pela performance de “Miss Celie's Blues”. Alguns minutos depois, estamos de novo às voltas com uma descrição dos assassinatos de Claudia e Marielle, mais uma vez seguida do corte dos afetos que essas imagens mobilizam, pela introdução de uma canção ou do dispositivo do humor. Talvez seja uma questão muito particular minha, um desejo de olhar a fossa e mergulhar em sua fenda abissal, mas no andamento geral do espetáculo, senti que as passagens pelas paisagens tristes, quebradas, dolorosas eram muito rapidamente resolvidas em prol de garantir a risada, o bater de palmas, o sorriso. Me pergunto se o dispositivo do humor é realmente o

mais eficaz para operar os cortes nesses casos. Talvez fosse interessante deixar se fazer sentir o peso da palavra, o peso do corpo, o peso da indignação, o peso da bagagem, da navegação, do silêncio. Talvez. Mas talvez não fosse sobre isso mesmo. Talvez a urgência para varrer a tristeza e ver o sol nascer pela porta dos fundos hoje, sem falta, seja justificada pelos tempos em que vivemos. Em um país em que somos bombardeados diariamente por notícias tenebrosas, deixemos que o teatro seja esse espaço para se sonhar um lugar ao sol. Afinal, como proferiu Roberta, “são tempos difíceis, mas não impossíveis”.

 Trouble in mind, I'm blue
 But I won't be blue always,
'Cause that sun is gonna shine in my back door ~~someday~~ today.

Annelise Schwarcz é crítica de teatro, filósofa e pesquisadora em gênero, raça e colonialidade.